

## Beijos pelo celular<sup>1</sup>

*José Vidal*

Aparentemente, já não se escreve cartas; a técnica e seus produtos as tornaram obsoletas. No entanto, temos observado que há certa sobrevivência da epístola e especialmente da carta de amor nas novas formas de mensagens.

O *sms* (*short message service*) usado nos celulares e o *twit* de cento e quarenta caracteres de *twitter* que apaixonam cada vez mais as multidões, somados ao *chat*, são coisas que, bem avaliadas, vêm no lugar antes reservado à carta no sentido de manter uma certa distância entre os sujeitos.

Éric Laurent<sup>2</sup> destacou como nossa época se caracteriza pelo empuxo hedonista ao gozo e à felicidade, e como o prazer e a satisfação se tornaram um imperativo superegoico que submete os indivíduos e as comunidades. Isso obriga, é nossa tese, que as pessoas devam buscar um modo de tornar as coisas mais difíceis no campo do amor.

Freud já o havia notado: "para intensificar a libido, se requer um obstáculo; e onde as resistências naturais à satisfação não foram suficientes, o homem sempre ergueu outros, convencionais, a fim de poder gozar o amor"<sup>3</sup>.

A popularidade e a predominância das mensagens sobre outros meios demonstram que elas permitem um gozo que não é possível obter através de meios visuais, como o *Skype* ou o *Twittcom*, nos quais o usuário pode ver e ouvir o outro ao conectar-se.

Imaginemos, por um momento, o sujeito que escreve uma mensagem como o autor de uma expressão literária do tipo das *Formas Breves*<sup>4</sup>, como Piglia designa os textos que

buscam a frase justa, a palavra precisa e a imagem clara. À diferença de um telefonema, o pequeno texto requer muita atenção e precisão no uso das palavras, um cuidado com a sintaxe e também com a tipografia, já que cada elemento é um sinal que vai muito além da comunicação simples de um conteúdo.

Ou seja, confirmando o postulado lacaniano de que a comunicação não existe, o *sms* é antes veículo de um gozo que de um sentido, mais um esforço de poesia que uma missiva. Compartilha-se não apenas informação, mas também um estado afetivo. A mensagem será guardada - eu diria, valorizada - para depois ser relida, repassada e reinterpretada tanto pelo emissor como pelo receptor, a ponto de se tornar, para muitos, difícil desprender-se delas; eles só o farão quando esgotadas suas possibilidades de gozo.

Um exemplo tomado da clínica: um homem que esperou em vão a presença de uma mulher em um evento social lhe escreve: "Você não veio", ao que ela responde: "Está frio, estou em casa". O sujeito compreende imediatamente a multiplicidade de sentidos que se revela em torno das palavras frio, casa, estou, etc., e pode traduzir facilmente um convite que ele mesmo provocou, mas que desencadeia a procrastinação que o afeta cronicamente. Poderia, disse, ter ido à casa da mulher, mas decide não fazê-lo; o gozo se limita aos *sms*. Os sujeitos não se encontram enquanto corpos, mantêm uma distância.

Ora, para que haja um gozo é preciso haver um "corpo vivo"<sup>5</sup>, de modo que essa paixão, que se manifesta na precisão e no ardor ao redigir, não pode estar na tela do aparelho. O autor do *sms*, como todo autor, desaparece na mensagem. Como isso acontece?

Giorgio Agamben, em *O autor como gesto*<sup>6</sup>, observa que, definitivamente, se trata mais da "função autor" do que de uma presença, das marcas deixadas por sua ausência, que o

autor é, sobretudo, um gesto e suas consequências. Diz "se chamamos gesto àquilo que permanece não expressado em todo ato de expressão, podemos dizer [...] que o autor está presente no texto somente em um gesto que torna possível a expressão na medida mesma em que instaura nela um vazio central".

Isso ressoa para nós fortemente, já que a interpretação psicanalítica se reduz também a um gesto no qual o agente desaparece para deixar um vazio em torno do qual a verdadeira interpretação se produz. O gesto é tomado por Agamben como o modo em que uma vida "se coloca em jogo": *jouer*, que em francês significa tanto jogar como atuar ou recitar. Mas ele toma o caminho do jogo no sentido da aposta, do jogar-se. Uma vida ética não é a que se vive em torno da lei moral, mas sim a que se joga nos gestos. Talvez pudéssemos pensar a sucessão dos gestos como o modo no qual algo de uma vida vai se escrevendo, no sentido ético, no sentido do hábito, que é o significado de ética. Gestos, escrita... jogar-se.

Comprar uma passagem, destruir algumas cartas, salvar uma vida, pedir em casamento, proferir uma interpretação, gestos nos quais se joga a vida no sentido da aposta, mas também no da escrita.

No caso de uma pequena escrita, o de uma mensagem de texto, fazendo uma hipérbole, há algo dessa dimensão do gesto, do jogar-se uma vida, que faz de quem a escreve e a envia, um autor.

Sujeito-autor que só se afirma pelas marcas de sua ausência no texto, do qual desaparece. Ele não está na tela, mas o gesto mínimo é o necessário para que haja uma escrita. O vazio que se abre na dimensão do sentido é o que o sujeito sente no movimento de escrever e enviar uma mensagem de texto, no qual ele mesmo se torna leitor de sua própria obra e por ela é surpreendido. A mensagem só ganha um estado afetivo depois de ser escrita e lida pelo autor,

que se torna nesse momento leitor. Mas, para que possa ser compartilhada, para que a experiência do *sms* se complete, é necessário que ela seja reconstruída pelo leitor e pela sua resposta.

Jacques-Alain Miller<sup>7</sup> se detém na carta de amor de Lacan para dizer que se trata do signo de amor. Nesse sentido, temos a impressão de que o *sms* supera as formas audiovisuais por meio das quais nos dirigimos a um real, impedindo o caráter de simulacro que a imagem impõe. O vídeo, por mais realista que seja, do *skype* ou do *messenger*, não equivale à presença física. Falta a aura, diria W. Benjamin<sup>8</sup>.

Qual é a nossa hipótese? Que este signo de amor, o *sms*, é uma piscadela que o ser humano encontrou para a sobrevivência da ordem simbólica no século XXI.

Piglia, em *El último lector*, nos fala da sedução da carta citando Kafka: "É possível conquistar alguém pela escrita?"<sup>9</sup>, se pergunta Kafka. Mas Piglia destaca que não se trata apenas da sedução que pode ser encontrada na escrita, mas também de uma forma que permite ao leitor, como todo leitor, estar presente em sua ausência.

Presente na ausência. É algo que Miller também destaca, a primeira coisa que é necessário dizer em uma carta de amor é: "você não está"<sup>10</sup>. Se estou escrevendo uma carta é porque você não está.

As célebres cartas de Kafka a Felice Bauer, quase trezentas em um ano, têm um destinatário concreto: alguém (que a princípio é quase um desconhecido) espera as cartas, alguém suporta as consequências, trata-se de pessoas que não se veem ou que raras vezes o fazem, que, sobretudo, se escrevem. A sedução e a leitura têm uma relação. Os amantes se encontram no texto que lêem. Essa correspondência é algo que se dá a ler para seduzir, mas não só para isso, ela também tem a função de manter o Outro à distância.

Distância. Esse é um ponto fundamental acerca da estratégia do sujeito no século XXI. Não se trata apenas de sedução, mas também implica, ao mesmo tempo, enlaçar o outro e mantê-lo à distância; nisso nos parece haver uma espécie de defesa.

A demanda de amor, destaca Miller<sup>11</sup>, é "demanda incondicional da presença e da ausência", como diz Lacan em "A direção do tratamento e os princípios de seu poder"<sup>12</sup>. Por que demanda "da ausência"? A presença é o puro apelo para que o Outro esteja e dê sinais de sua presença; que ao menos diga que está, que dê sinais de sua existência; que responda ao chamado, ou que chame para dizer simplesmente: "Aqui estou. Ora, que o Outro diga aqui estou por certo só tem seu valor extremo, vital, se não está"<sup>13</sup>.

Por isso, a carta cumpre uma função eminente no amor, já que, em geral, só se envia uma carta a alguém que precisamente não está. "A ausência do Outro - diz Miller no mesmo texto - é também a minha, e toda carta de amor diz: você não está aqui, e na sua ausência de mim e na minha ausência de você, estamos juntos, está comigo"<sup>14</sup>.

Então, a predominância destes meios atuais, como o *sms*, o *chat*, o *e-mail*, talvez se deva ao fato de permitirem manter algo dessa ausência e dessa distância em uma época na qual, como em uma espécie de *instituição total*<sup>15</sup>, somos impelidos a uma transparência do corpo e à onipresença da voz e do olhar. O sujeito encontra assim uma maneira de manter uma distância do Outro que lhe permite existir como tal, ou seja, como ser amável.

Tradução: *Angélica Cantarella Tironi*

---

<sup>1</sup> Extraímos um verso da canção "Spaghetti del rock", dos Divididos.

<sup>2</sup> Em uma entrevista realizada por Beatriz Gregoret, a propósito do Seminário Internacional do CIEC. LAURENT, É. (2010). "Um pouco mais de satisfação. Imperativo do século 21". Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=l5ByNk97oZA>>.

- 
- <sup>3</sup> FREUD, S. (1996[1912]). "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 193.
- <sup>4</sup> PIGLIA, R. (2004). *Formas breves*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- <sup>5</sup> MILLER, J.-A. (2004[1998-1999]). *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, p. 301.
- <sup>6</sup> AGAMBEN, G. (2005). *Profanaciones. El autor como gesto*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, p. 87.
- <sup>7</sup> MILLER, J.-A. (2011). "Signo de amor". Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/psicologia/9-163348-2011-03-03.html>>.
- <sup>8</sup> BENJAMIN, W. (1989). "La obra de arte en la época de su reproductibilidad técnica". In: *Discursos Interrumpidos I*. Buenos Aires: Taurus. Disponível em: <<http://diegolevis.com.ar/secciones/Infoteca/benjamin.pdf>>.
- <sup>9</sup> PIGLIA, R. (2008). *El último lector*. Buenos Aires: Anagrama, p. 39
- <sup>10</sup> MILLER, J.-A. (2011). Op. cit.
- <sup>11</sup> Idem. *Ibidem*.
- <sup>12</sup> LACAN, J. (1998[1958]). "A direção do tratamento e os princípios de seu poder". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 600.
- <sup>13</sup> MILLER, J.-A. (2011). Op. cit.
- <sup>14</sup> Idem. *Ibidem*.
- <sup>15</sup> GOFFMAN, E. ([1961]). *Internados. Sobre las características de las instituciones totales*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.